

“Não mudou quase nada”: ética ordinária e formas de vida em tempos pandêmicos¹

Ceres Víctora²

Patrice Schuch³

Monalisa Dias de Siqueira⁴

Resumo: Neste artigo, apresentamos as narrativas de uma família de pessoas brancas, de camadas médias, moradoras do Sul do Brasil, em torno do cotidiano de suas relações familiares em tempos de pandemia da covid-19, salientando as infraestruturas de cuidado no espaço doméstico e a pertinência da noção de *ética ordinária*, desenvolvida por Veena Das, a qual não está baseada em princípios ou valores morais universais, mas parte das experiências e problemas reais de pessoas em seu cotidiano. Levando em conta tais aspectos, é possível perceber o trabalho invisível e invisibilizado da manutenção da vida ordinária na convivência de três gerações na mesma casa, suas estratégias momentâneas utilizadas no cenário da urgência sanitária provocado pela pandemia do novo coronavírus e os entrelaçamentos entre o ordinário e o extraordinário. De outro

¹ Publicado originalmente em inglês, com tradução de David Rodgers, em *Sociologia & Antropologia*, v. 11, n. 3. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais PPGSA Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, UFRJ, setembro-dezembro, 2021, pp. 843-867.

² Pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Departamento de Antropologia, Porto Alegre, Brasil, e-mail: ceresvictora@gmail.com, OrcID: <<https://orcid.org/0000-0001-9363-3883>>.

³ Pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Departamento de Antropologia, Porto Alegre, Brasil, e-mail: patrice.schuch@gmail.com, OrcID: <<https://orcid.org/0000-0002-0073-3496>>.

⁴ Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e docente da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), e-mail: monalisadidas@gmail.com, OrcID: <<https://orcid.org/0000-0002-5063-8411>>.

lado, diferenciações de gênero, idade, raça e classe, que recortam as relações do cuidado, são observadas enquanto dispositivos pelos quais se constituem as *formas de vidas*. Inspiradas pelos argumentos de Veena Das sobre a fundamental conexão entre a *ética ordinária* com as *formas de vida*, ressaltamos o espaço doméstico não apenas como estrutura fundamental do cuidado no cenário brasileiro de vulnerabilidade social e política, mas também como elemento ativo gerador das *formas de vida*.

Palavras-chave: Cuidado, Ética do ordinário, Formas de vida, Pandemia da covid-19, Envelhecimento.

“ALMOST NOTHING HAS CHANGED”: ORDINARY ETHICS AND FORMS OF LIFE IN PANDEMIC TIMES

Abstract: In this article, we present the narratives of a middle class and white people family, residents at the South of Brazil, around the daily life of their family relationships in times of the Covid-19 pandemic, highlighting care infrastructures in the domestic space, emphasizing the relevance of *ordinary ethics* notion, developed by Veena Das, which is not based on universal moral principles or values, but in real experiences and problems of people in their daily lives. Taking these aspects into account, one can see the invisible and invisible work of maintaining ordinary life in the coexistence of three generations in the same house, their momentary strategies in the scenario of the sanitary emergency caused by the pandemic of the new coronavirus, and the entanglements between the ordinary and the extraordinary. On the other hand, differences in gender, age, race and class, which cut the relations of care, are observed as devices by which *forms of life* are constituted. Inspired by the arguments of Veena Das, about the fundamental connection between *ordinary ethics* and *ways of life*, we emphasize the domestic space not only as a fundamental structure of care in the Brazilian scenario of social and political vulnerability, but also as an active element that generates *forms of life*.

Keywords: Care; Ordinary ethics; Forms of life; Covid-19 pandemic; The elderly.

Em momentos muito extraordinários, todo tipo de coisas ordinárias deve continuar sendo feito. E me parece que, muitas vezes, é nessa encruzilhada que perdemos o interesse pelo que está em jogo. Não quero dizer que a noção de resistência nunca deva ser apreciada ou que nunca desempenhe qualquer papel. Mas quero pensar nos momentos de resistência como também integrados e transportados para a vida cotidiana.

Veena Das

“Não mudou quase nada”; “mudou muito pouco”, “só deixei mesmo é de viajar, o resto continua normal”. Estas foram algumas das respostas, aparentemente surpreendentes, dadas por muitas das pessoas entrevistadas em uma pesquisa antropológica que estamos empreendendo desde julho de 2020, em torno dos impactos da pandemia da covid-19 sobre as pessoas consideradas legalmente idosas – isto é, com mais de 60 anos de idade.⁵ A pesquisa investe no acompanhamento longitudinal de pessoas consideradas idosas, interessando-se em compreender seus vínculos relacionais e infraestruturas de cuidado, com vistas à ampliação da visibilidade de suas experiências, e apostando em uma perspectiva sobre a compreensão da pandemia que prioriza as práticas e ações miúdas e cotidianas que suscita.⁶

Como mulheres brancas de camadas médias, professoras universitárias, tivemos nossas rotinas bastante transformadas pela ameaça de contágio pelo vírus, o que significou a reconfiguração de práticas diversas, tais como a realização de aulas, reuniões e bancas em casa, a interrupção das atividades de socialização e lazer feitas com colegas e amigos, a introdução de variadas formas de higienização de nossos

⁵ Este trabalho resulta do projeto “A Covid-19 no Brasil: análise e resposta aos impactos sociais da pandemia entre profissionais de saúde e população em isolamento” (Convênio Ref.: 0464/20 FINEP/UFRGS). A pesquisa é desenvolvida pela Rede Covid-19 Humanidades MCTI e integra o conjunto de ações da Rede Vírus MCTI financiadas pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações para o enfrentamento da pandemia. A pesquisa com idosos é desenvolvida a partir de uma equipe mais ampla de pesquisadoras e pesquisadores, a quem agradecemos a colaboração: Caroline Sarmento, Cauê Machado, Fernanda Rifiotis, Lauren Rodrigues, Mariana Picolotto, Pamela Ribeiro, Roberta Ballejo e Taciane Jaske.

⁶ BIEHL, João; LOCKE, Peter. Introduction. *Ethnographic Sensorium*. In: BIEHL, João; LOCKE, Peter. *Unfinished. The Anthropology of Becoming*. Duke University Press, pp. 1-38, 2017.

corpos, roupas, objetos, com o uso de novos aparatos de segurança, como máscaras e álcool em gel, e uma evidente e persistente expectativa em relação às possíveis mudanças – uma torcida por novidades inesperadas – que nos fizessem subitamente voltar a habitar o mundo como até então conhecíamos. Nos jornais, mídia e redes sociais, a novidade da pandemia da covid-19 parecia interromper nosso mundo e, em meio à constância da realidade das muitas mortes, dos desencontros de dados sobre o tema, das controvérsias políticas que polarizavam os campos da saúde e economia, das agitações científicas em torno das possibilidades de vacina e modos de tratamento e das novidades vindas de além-mares que apontavam um cenário de desolação mais amplo, lutávamos para continuar existindo.

Por isso, a ideia de que “não mudou quase nada”, inicialmente referida pelos entrevistados, causou-nos tanta estranheza. Como entender a insistência da persistência da vida, em meio a tantas transformações? Analisando outras partes das narrativas das pessoas pesquisadas, vimos ainda que essas palavras iniciais contrastavam marcadamente com outros momentos de formulação das narrativas, nos quais os sujeitos evidenciavam inúmeras situações em que suas vidas cotidianas haviam sido afetadas. Restrições de mobilidade e distanciamento social estratégico, a introdução de novos modos de proteção pessoal e afetações diversas, que iam da indignação à resignação frente às medidas coercitivas de regulação do comportamento, dirigidas especialmente ao público de idosos, uma vez que esses sujeitos foram classificados como “grupos de risco” preferencial da pandemia, foram trazidas às conversas. No entanto, como evocar alguma inteligibilidade possível a essa sensação dispersa, embora um tanto quanto generalizada entre as pessoas entrevistadas, de que a pandemia “não mudou quase nada” nas suas vidas? Estaríamos frente a uma contradição discursiva, entre uma ideia de que “não mudou quase nada” e uma prática em que as transformações nas vidas eram evidentes? Ou será que as pessoas estavam minimizando os impactos da pandemia em suas vidas? Seria o caso de estarmos acompanhando certa visão distorcida da realidade?

Mais do que explorar a possível contradição do discurso das pessoas colaboradoras da pesquisa ou uma eventual percepção distorcida ou de negação da realidade imediata, consideramos que as respostas dadas só aparentemente minimizavam o impacto da pandemia ou distorciam

a realidade; ao contrário, apostamos na hipótese de que revelam mais sobre os esforços cotidianos e rotineiros, mas muitas vezes invisíveis e invisibilizados, de manutenção da vida ordinária em face de um evento extraordinário, como a pandemia da covid-19. Em sintonia com a citação inicial de Veena Das,⁷ entendemos ser fundamental compreender os entrelaçamentos entre o ordinário e o extraordinário, na medida em que uma atenção a tais aspectos pode revelar por quais mecanismos e através de que estratégias a vida ordinária continua sendo produzida em tempos extraordinários e como momentos extraordinários povoam a vida ordinária. Em tempos pandêmicos, tal atenção também pode revelar a própria importância das infraestruturas cotidianas de cuidado e as maneiras peculiares e singelas encontradas pelas pessoas para reabitar a vida através dos esforços em construir seus cotidianos, produzir novas rotinas, imaginar uma vida vivível. Afinal, como um evento como a pandemia da covid-19 desce até o ordinário e habita a vida?

É a partir desse conjunto de interrogações que focalizaremos, neste artigo, alguns aspectos em torno do cotidiano de uma família de pessoas brancas, de camadas médias e residente no Sul do país, no cenário da pandemia da covid-19. A ideia é tomar tal narrativa etnográfica não porque seja representativa de processos generalizáveis às demais pessoas pesquisadas, mas como uma possibilidade de evocar, a partir da singularidade das narrativas em questão, um descenso ao ordinário em que as infraestruturas de cuidado doméstico – práticas sensíveis aos detalhes da vida cotidiana – venham à tona, evidenciando a emergência de uma *ética ordinária*, nos termos propostos por Das.⁸ Para a autora, a *ética ordinária* não está baseada em princípios ou valores morais universais, mas parte das experiências cotidianas e dos problemas reais das pessoas no seu cotidiano, que é o espaço no qual a vida do outro é engajada. É nesse sentido que a *ética ordinária*, ao contrário de focar em atos transcendentais de heroísmo ou resistência, parte do mundano e do cotidiano, tornando-

⁷ DIFRUSCIA, Kim Turcot. Listening to Voices. An Interview with Veena Das, *Altérités*, vol. 7, n. 1, pp. 136-145, 2010.

⁸ DAS, Veena. What does ordinary ethics look like? In: LAMBEK, Michael; DAS, Veena; FASSIN, Didier; KEANE, Webb. *Four Lectures on Ethics (Masterclass)*. HAU. Kindle Edition, 2015b.

os não apenas fontes da ética, mas também espaços em que a própria vida é reabilitada.

Nesse sentido, descreveremos não apenas os esforços empregados para constituir um cotidiano em tempos pandêmicos, mas como a convivência de três gerações na mesma casa – uma das estratégias momentâneas utilizadas pela família no cenário da urgência sanitária – deu visibilidade a aspectos mais amplos em torno de diferenciações de gênero, idade, raça e classe que recortavam as dinâmicas cotidianas de cuidado. Acompanhando o desenrolar das soluções práticas encontradas pelas pessoas envolvidas para lidar com os dilemas face aos desafios implicados no partilhar das vidas em um cenário de emergência sanitária, vimos que tais dinâmicas desenvolvidas no âmbito doméstico podem ser consideradas ativas infraestruturas nas quais *formas de vidas* são performadas.

O conceito de *forma de vida* que habilitamos aqui, acompanhando Das na sua leitura de Ludwig Wittgenstein e Stanley Cavell, fundamenta-se na concepção de que a linguagem e o mundo são internos um ao outro. Em Wittgenstein,⁹ encontra-se o exemplo do aprendizado do jogo de xadrez: o que é um “rei”, para uma criança, só faz sentido se ela souber que é uma figura do jogo e se ela já tiver participado, de alguma maneira, de outros jogos de tabuleiro. Ou seja, o significado daquela figura de “rei” está intrinsecamente relacionado à prática do jogo. O xadrez, nesse caso, é um contexto – uma linguagem –, no qual o “rei” aparece como uma *forma de vida*. Não se pode pensar uma *forma de vida*, assim, apartada da linguagem, mais especificamente de um *jogo de linguagem* que surge em situações práticas do dia a dia. Cavell, refletindo sobre as ideias de Wittgenstein, complementa:

ao aprender uma língua não se aprende apenas a nomear as coisas, mas o que um nome é; não somente qual é a forma de expressão para expressar um desejo, mas o que expressar um desejo é; não apenas qual é a palavra para “pai”, mas o que um pai é; não apenas qual é a palavra para “amor”, mas o que o amor é. Aprender uma língua não se aprende apenas a pronúncia de sons e suas ordens gramaticais, mas

⁹ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical Investigations*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2009 [1953].

as “formas de vida” que fazem aqueles sons das palavras o que eles são, fazer o que elas fazem – por exemplo, nominar, chamar, apontar, expressar um desejo ou afeição, indicar uma escolha ou uma aversão etc...¹⁰

Mesmo sem nos aprofundarmos na teoria da linguagem na qual os conceitos de *forma de vida* e *jogos de linguagem* foram cunhados e desenvolvidos, parece-nos interessante refletir sobre como a linguagem da pandemia produz e significa determinadas *formas de vida*, especialmente trazendo contornos importantes para aqueles configurados como “idosos”, preferencialmente alocados como “grupos de risco”. Inspiradas nos trabalhos de Veena Das, argumentamos pela fundamental conexão entre a *ética ordinária* e a de *formas de vida*, ressaltando como o espaço doméstico não é apenas uma infraestrutura fundamental de cuidado em um cenário de vulnerabilidade social e política, mas também é um ativo elemento em que *formas de vida* ganham forma e ganham vida.

A Pesquisa Antropológica, a Pandemia e a Descida ao Ordinário

Ao estudar os impactos da pandemia da covid-19, temos partido da perspectiva de Das de que a vida é um percurso povoado por acontecimentos e não um fluxo natural que, em certos momentos, acontece de ser interrompido e perturbado por acontecimentos externos.¹¹ É nesse sentido que a autora destaca a pertinência de um descenso ao ordinário como figura para o pensamento. As implicações desse empreendimento comportam dimensões indissociáveis do que poderíamos destacar como sendo um sentido etnográfico, uma dimensão ética e uma acepção política, que importa destacar.

¹⁰ CAVELL, Stanley. *The Claim of the Reason Wittgenstein, skepticism, morality, and tragedy*. Oxford: Oxford University Press, 1999 [1979], pp. 177-8. Tradução nossa.

¹¹ DAS, Veena. *Critical events: an anthropological perspective on contemporary India*. New Delhi/Oxford: Oxford University Press, 1997. *Idem*, *Life and Words – violence and the descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2007. *Idem*, *Affliction – Health, Disease, Poverty*. New York: Fordham University Press, 2015a.

De um ponto de vista antropológico, Das sugere que descer ao ordinário é permanecer fiel ao trabalho constante e miúdo que as pessoas fazem, não para viver uma vida de acordo com princípios universais do bom ou justo, mas para simplesmente viver a vida de acordo com aquilo que consideram importante. É nesse sentido etnográfico que, contra a *generalidade* dos valores ou princípios de bom ou justo, a descida ao ordinário nos ensina sobre a *singularidade* do que é importante às pessoas, situadas em tempos/espacos dinâmicos e sempre “por fazer”. É nesse sentido que conceitos tão importantes no campo da saúde global, como “risco” e “prevenção”, ou mesmo os princípios gerais de cunho moral, como o “cuide-se” em tempos da pandemia da covid-19, só passam a ter sentido quando alinhados com os fluxos e enredos singulares das vidas das pessoas, não se colocando à parte ou acima de tais enredos. Afinal, o que faz a vida dos conceitos e preceitos não seria sua imersão na *ordinariedade* da vida?

As pessoas vivem e convivem situadas em mundos particulares que são históricos, culturais e políticos, os quais não podem ser ignorados, uma vez que conformam infraestruturas diferenciadas para a vida, nas quais as dimensões éticas tomam forma. Em texto específico sobre as possibilidades analíticas da antropologia face à pandemia da covid-19, Das destaca o quanto é mais interessante pensar em discutir ética nessa situação não simplesmente a partir de uma única decisão, mas a partir de uma abundância de infradecisões.¹² Fazer isso seria refletir, por exemplo, sobre como, entre aqueles que tiveram negados ventiladores em UTIs, estão avós que morreram porque não conseguiram acesso aos hospitais ou porque havia um cenário de escassez de ventiladores. Para a autora, é preciso encontrar modos de relacionar essas terríveis experiências de triagem em instituições públicas com o peso de pequenas decisões feitas no âmbito doméstico e familiar que também incidem sobre modos, formas e possibilidades de vida.

Como refere a autora, um dos assuntos que a pandemia fez perceber é que as experiências de governo variam enormemente e que uma mesma política generalizante – como a do *lockdown*, por exemplo

¹² DAS, Veena. Facing Covid-10: my land of neither hope nor despair, *American Ethnological Society*, 1 [S.l.], 2020a.

– impacta de forma bastante diferenciada a vida das pessoas que vivem entre infraestruturas urbanas e de saúde muito distintas. A partir de sua argumentação, é imprescindível analisar as infraestruturas urbanas e de saúde para mostrar as relações entre as experiências cotidianas das pessoas e o gerenciamento da crise promovida pela pandemia da covid-19. Suas reflexões sobre as infraestruturas urbanas e de saúde importam porque inspiram problematizações sobre as desigualdades sociais que a pandemia faz perceber e as interseccionalidades entre gênero, classe, raça/etnia e pertencimentos religiosos e nacionais que são centrais para a compreensão dos seus impactos. Afinal, mais do que a simples relação entre um corpo orgânico e um vírus, a ameaça da pandemia está coproduzida na relação entre pessoas, vírus, animais, ambientes, tecnologias, vínculos relacionais, políticas de saúde e infraestruturas urbanas.

Se tais dimensões analíticas em torno da pandemia requerem uma atenção tanto às políticas de sua coprodução quanto aos modos emergentes de coexistência, nosso intuito, aqui, é chamar atenção para um tempo/espaço em que as vidas se engajam. Além de privilegiar certa política da coexistência, na medida em que a vida do outro está sempre engajada em sua existência, o ordinário tem dimensões inventivas fundamentais. Como refere Das, o ordinário requer um trabalho constante para sua criação, mas também para o seu próprio refazer.¹³ Como é caracterizado por certa repetição e rotina, faz a vida parecer como algo já dado. No entanto, o ordinário comporta sempre uma dimensão criativa, visível na sua capacidade de responder e incorporar situações novas e, na sua dimensão miúda e singela da tessitura entre relações, acontecimentos e o próprio trabalho do tempo, de produzir formas de reabitar a vida. Esta seria sua fundamental acepção política.

Neste artigo, sugerimos refletir sobre essas dimensões do cotidiano através da história de uma família que acompanhamos a partir de uma pesquisa antropológica sobre os impactos da pandemia do novo coronavírus na vida de pessoas consideradas idosas do Sul

¹³ DAS, Veena. What does ordinary ethics look like? In: LAMBEK, Michael; DAS, Veena; FASSIN, Didier; KEANE, Webb. *Four Lectures on Ethics* (Masterclass). HAU. Kindle Edition, 2015b.

do Brasil. A pesquisa foi iniciada em julho de 2020 e compreende a utilização de entrevistas feitas a partir de um roteiro semiestruturado de questões, visando a compreender: a) as redes e modos de proteção; b) o cotidiano e as concepções de risco; c) as percepções sobre a pandemia. Ao roteiro adicionamos um acompanhamento longitudinal das práticas de organização da vida no cenário da pandemia da covid-19, por meio de conversas e contatos com as pessoas pesquisadas. A ideia do acompanhamento longitudinal se dá para tentarmos perceber as transformações temporais das práticas e dos entendimentos relacionados à pandemia, dados em decorrência dos processos de mudança que a pandemia sofre em termos das próprias formas de comunicação pública, das evidências científicas e das maneiras de atenção das políticas públicas. Por outro lado, também visa a possibilitar contatos de mais longa duração que permitam o adensamento das relações entre pesquisadores e pesquisados, de modo a facilitar a emergência das categorias que fazem sentido para as pessoas pesquisadas – para além do roteiro inicial proposto – e uma troca intersubjetiva fundamental, que caracteriza a pesquisa antropológica.

Foi nesse sentido que articulamos redes de relações iniciais em que os pesquisadores já tivessem alguma familiaridade com a pesquisa em questão. Uma dessas redes de relações foi acionada na cidade de Santa Maria, a partir de contatos com pessoas consideradas idosas participantes de grupos de sociabilidade e envelhecimento ativo ligados à Universidade Federal de Santa Maria, inseridos na pesquisa a partir de relações prévias existentes entre esses grupos e as pesquisadoras Monalisa Dias de Siqueira e Taciane Jaske. Foi por intermédio de Taciane que conhecemos a família de Marilene e Pedro, foco de nossas argumentações neste artigo.

Marilene e Pedro são pessoas brancas de classe média, casados há pelo menos três décadas e têm, respectivamente, 60 e 68 anos de idade. Nas entrevistas, descrevem que, antes da pandemia, tinham uma vida cheia de atividades, entre as domésticas, os exercícios na academia, passeios e jantares com amigos. Diferentemente dele, que já é aposentado, Marilene ainda trabalha como professora de educação infantil e atende a mãe, de 83 anos, que vive em um apartamento próprio, na mesma cidade. O casal tem um filho de 28 anos, Daniel, que morava em outra cidade e cursava pós-graduação, mas que retornou à casa da família em função das políticas de

isolamento e escassez de novas oportunidades de trabalho após a conclusão de seu doutorado em biologia, recém-concluído no momento do início da pandemia.

Por fazer parte de uma rede que estamos pesquisando, Pedro foi o primeiro entrevistado. Sempre muito otimista, ele relatou que a pandemia não mudou muito a vida, fora a redução da convivência com amigos, o uso de álcool gel e da máscara, que, como disse, “incomoda um pouquinho, mas já estou habituado”. Por outro lado, a pandemia “agregou” dinâmicas que considera muito positivas à sua vida, especialmente com o retorno do filho para casa e as novidades que trouxe consigo. Apesar de não termos planejado antecipadamente entrevistar o casal, aproveitamos a oportunidade que se apresentou de entrevistar Marilene, cujo relato nos mostrou uma outra versão – a feminina – da pandemia. Embora as atividades de Marilene tenham em muito se intensificado, na sua avaliação, “a coisa tá puxada, mas tá bom, tá tranquilo”. Na entrevista, rica em detalhes do cotidiano familiar, ela nos apresentou as novas dinâmicas do seu trabalho de professora de crianças de 8-9 anos, que passou ao formato remoto; as rotinas de limpeza e higienização do espaço doméstico; e a inclusão da mãe idosa e do filho na unidade doméstica. As mudanças na rotina da casa, ocorridas em função do retorno do filho, que foram se desvelando nas entrevistas de Pedro e Marilene trouxeram outros elementos para o debate, motivo pelo qual achamos que seria importante realizar uma entrevista com Daniel.

Daniel, biólogo, especialista em aracnologia, conta que retornou à casa dos pais ao final do doutorado, o que coincidiu com o início da pandemia e a interrupção do plano – e da bolsa – de pós-doutorado. Como a avó também se encontrava na casa dos pais para que ficasse mais protegida do coronavírus e estava alojada no seu quarto, Daniel ocupou o quarto de hóspedes: “nem quis voltar para o meu quarto original para não desacomodar a vó”, ele nos contou na entrevista. Ele comentou que preferia ter mais independência, não ter voltado a morar com os pais, principalmente depois da experiência de morar em outra cidade e de uma temporada em outro país. Apesar disso, Daniel considera que a convivência com os pais na mesma casa tem sido boa e conta sobre como tem sido a nova rotina no que ele decidiu que seria um “ano sabático”, já que teria que ficar exclusivamente em casa.

As referências à pessoa da “vó” e às conversas travadas com ela aparecem em vários momentos das entrevistas do casal e do filho. Diante disso, achamos importante que essa avó fosse também ouvida. Acreditamos que ela teria muito a contar e poderia contribuir com a pesquisa, tendo em vista que é fonte de preocupação da família, referida em algumas situações como uma pessoa “teimosa”, que “não entende” e “às vezes apronta umas”. Entretanto, nossos reiterados pedidos para sermos apresentadas a ela não foram atendidos. A família ponderou que a senhora não teria como responder às perguntas devido ao que avaliam ser sua capacidade reduzida de compreensão, dada sua senilidade.

Outra pessoa cuja presença também apareceu nas entrevistas foi a da trabalhadora doméstica, também referida como “empregada”, “cuidadora” e “secretária” da avó, motivo pelo qual fizemos várias tentativas de conversar com ela. Além de ela ser uma personagem importante na relação da família com a pandemia, foi a única desse grupo de convivência, juntamente com todos de sua própria família, que adoeceu pelo coronavírus. Chegamos a fazer contato, solicitando uma entrevista com a trabalhadora doméstica, mas o convite foi recusado.

Em todo caso, as impossibilidades de conversar diretamente com a avó e com a trabalhadora doméstica não impossibilitaram que as suas histórias fossem contadas por meio da narrativa dos demais entrevistados, uma vez que Marilene, Pedro e Daniel, reiteradamente, traziam falas da avó e a importância da trabalhadora doméstica para possibilitar a continuidade da organização da vida da avó no cenário da pandemia. Tais narrativas nos informam muito sobre o modo de organização das relações cotidianas da família no cenário da pandemia, bem como sobre a constituição de formas de vida em meio aos *jogos de linguagem* pandêmicos. Para a constituição dos argumentos deste artigo, portanto, nós nos deteremos nas narrativas de Pedro, Marilene e Daniel, produzidas em momentos diferenciados, mantendo certa tensão entre fragmentos de narrativas de cada um, mas, ao mesmo tempo, retendo a importância que o espaço doméstico tem no entrelaçar de suas narrativas, não apenas como uma estrutura fundamental de cuidado em que uma *ética ordinária* se dinamiza, mas como um elemento ativo em que *formas de vida* ganham forma e ganham vida.

Cotidiano em tempos pandêmicos: infraestrutura de cuidado doméstico

E aí eu trouxe a minha mãe pra cá, dia 16, 17, a mãe veio pra cá, porque a mãe tem 83 anos e mora sozinha, viúva. E a mãe veio pra cá. Aí a mãe ficou até o dia 3 de agosto, ela ficou 4 meses e meio praticamente com a gente, mas depois ela não aguentou mais, porque ela veio na esperança de que ia ficar 15 dias, um mês no máximo. [Mas] a coisa foi prolongando e aí ela começou a entrar em depressão, e eu vi que a coisa tava feia, ela acabou indo embora pra casa dela.

Assim se refere Marilene a uma das primeiras – e mais importantes – mudanças no seu cotidiano, ocorrida no início da pandemia. Poucos dias depois da vinda da sua mãe, o filho, Daniel, desalugou o apartamento em que morava, na capital, e também se transferiu para a casa dos pais. Em questão de dias, a casa passou a abrigar quatro adultos de três gerações diferentes. O espaço doméstico – a casa – tornou-se, então, uma infraestrutura fundamental de cuidado, entendido como uma prática “que inclui tudo o que fazemos para manter, continuar e reparar o nosso mundo de forma que possamos viver nele da melhor maneira possível”.¹⁴

No caso em questão, foi a preocupação com a “idade avançada” da mãe que levou Marilene a trazê-la para sua casa, já que “ela já tá com uma idade senil, ela esquece muito as coisas...”. Daniel também diz ter se preocupado com a “vó” e acredita que o “alerta” que deu aos pais sobre a maior suscetibilidade dos idosos na pandemia contribuiu para a decisão familiar da retirada da avó do apartamento:

Grupo de risco é o dos idosos [...] Já dei um susto logo de cara: se pegar, morreu. Falei sobre a vó: olha, como está a vó sozinha lá, a vó às vezes vai sair, vai no mercado sozinha, tu acha que ela vai tomar cuidado, às vezes ela nem enxerga as coisas, ela esquece que tem que limpar.

Segundo a narrativa de Daniel, com o passar do tempo, a “vó” foi ficando impaciente para retornar à sua casa. Marilene, como lê-se no extrato de abertura deste segmento, relatou que sua mãe “começou a

¹⁴ TRONTO, Joan C. *Who Cares? How to Reshape a Democratic Politics*. Ithaca/ Londres: Cornell University Press, 2015, p. 3.

entrar em depressão”. Pedro também comentou a decisão da sogra, afirmando que “ela tinha o apartamento dela, então ela brigou, brigou, brigou, até voltar pra casa”. Ao nos contar detalhes do caso, Daniel repetiu literalmente uma frase da avó: “ah quero voltar para minha casa, meu espaço”. Segundo os familiares, a insistência da senhora fez com que a família cedesse aos seus desejos de voltar para a própria casa, mas eles sempre se mantiveram preocupados, porque, nas suas percepções, ela não entendia a gravidade da situação da pandemia.

O retorno para o seu apartamento, entretanto, não foi um processo simples. Depreende-se das entrevistas que a mudança foi motivo de uma série de discussões familiares e tomadas de decisões que incluíram outros agentes além da família imediata, entre eles, a irmã de Marilene, empregas/cuidadoras e até os vizinhos da “idosa”. Estes que, logo depois do seu retorno, elaboraram um “documento” para a família de Marilene, relatando que sentiram cheiro de queimado no apartamento. No documento, afirmavam que a “idosa” não poderia ficar sozinha e que o condomínio poderia gerar uma multa em caso de descumprimento dessa recomendação.

A entrada dos vizinhos no drama familiar aponta para uma dimensão fundamental do cuidado que diz respeito à interpenetração das esferas pública e privada e a sua fundamental dimensão política. Aquilo que parecia ser a solução de um problema privado e familiar, que atendia a vontade expressa de uma pessoa de retornar para sua “casa”, seu “espaço”, é desconstituído como tal ao ser confrontado por outros agentes sociais e um novo contexto de relações de poder. A interferência dos vizinhos precipitou a contratação de uma empregada doméstica. Mas esta ficou apenas um breve tempo no emprego, tendo sido demitida pela “idosa”. A segunda pessoa contratada para o trabalho permaneceu por mais tempo, mas, como mencionamos anteriormente, adoeceu pelo coronavírus.

Conforme relata Marilene, um dia, cerca de dois meses após ter começado a trabalhar na casa da sua mãe, a trabalhadora doméstica foi trabalhar de máscara porque estava tossindo bastante. Contou que seu pai e sua mãe, com quem ela morava, estavam com febre e que temia estar com o vírus e de “levar alguma coisa para a vó”. Felizmente, a “vó” não havia sido infectada, mas o episódio relatado mostrou a complexidade

da nova condição da mãe de Marilene. Seu tão esperado retorno para o apartamento e a permanência lá só foram possíveis devido à contratação de uma empregada, atividade ela própria sustentada por relações de classe que tornaram viável o emprego de uma trabalhadora que, mesmo em contexto de pandemia, permaneceu disponível ao trabalho fora de sua própria casa. No cenário da pandemia, esse movimento, que visava a prevenir o agravamento da “depressão”, acentuou o controle público sobre a “idosa”, ao mesmo tempo em que requereu a ampliação das suas relações de convivência, o que, de certo modo, implicou o aumento de risco de contágio e adoecimento ou, até mesmo, da própria morte.

Não se pode perder de vista ainda o quanto esse episódio é revelador das desigualdades de classe evidenciadas pela pandemia e suas interseções em relação ao gênero das relações de cuidado, manifestamente feminino. Como dissemos, a empregada doméstica foi a única pessoa dessa rede familiar que, mesmo com as orientações de isolamento social, estava disponível ao trabalho,¹⁵ estando, portanto, mais exposta a ser infectada pelo vírus. De outro lado, manifesta uma característica importante das relações de cuidado, que é a sua complexidade e a interpenetração das esferas pública e privada e a dimensão política, na medida em que as relações de trabalho, de gênero, raça, de idade e de classe operaram nesse espaço ordinário doméstico das casas de Pedro e Marilene e da mãe de Marilene, engendrando um conjunto de novas práticas de produção das casas como infraestruturas de cuidado.

Por outro lado, ficam também evidentes as dinâmicas entre o ordinário e o extraordinário. No tempo extraordinário da pandemia, as relações ordinárias de cuidado continuaram acontecendo por entre o tecido das já naturalizadas assimetrias de classe, de raça e de gênero. Mas afirmar que as relações de cuidado continuam acontecendo no tempo extraordinário não significa afirmar que não houve modificações no tipo ou na intensidade das tarefas de manutenção da vida e do bem-estar. Marilene, por exemplo, que se declara uma pessoa muito organizada e com “mania

¹⁵ HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araújo (Orgs). *Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Atlas, 2012. HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais, *Tempo Social*, v. 26, n. 1, pp. 61-73, 2014.

de limpeza”, refere aos cuidados intensificados com tudo o que chega da rua. A limpeza com água, sabão, álcool, em alguns casos, com *Qboa*, de tudo o que entra na casa, inclusive o solado dos calçados e os pneus do carro, que fica em uma garagem parcialmente integrada ao domicílio, é uma regra que passou a vigorar desde o início da pandemia. Marilene destaca que tudo o que é colocado no refrigerador – da embalagem de plástico que envolve o pão a cada um dos ovos que é retirado de dentro da caixinha – é cuidadosamente higienizado. Ela nos conta também, em detalhes, tudo sobre a limpeza da casa, que é levada a cabo por ela e por Pedro, que considera seu parceiro nessas atividades.

Os cuidados com a produção da casa são apenas um aspecto da infraestrutura de cuidado doméstico que veio à tona com a pandemia. Marilene conta que, quando sua mãe estava em sua casa, “o cuidado era redobrado”, o que implicava a redução da mobilidade de Daniel, que não podia ir à academia se exercitar, o que, segundo ele, era fundamental para sua saúde mental. A mudança do filho biólogo trouxe para a casa dos pais, além de “um apartamento montado”, alguns animais de estimação: quatro ratas e quatro aranhas caranguejeiras. Assim, os cuidados de Marilene em relação ao filho e aos animais transformaram também a rotina culinária da casa. Para Daniel, que não come carne vermelha, Marilene precisava “fazer pratos diferentes”:

onde eu, claro, *coloco* um frango, e um peixe que ele come também. Mas ele come aquelas comidas, como é, sabe aquelas, proteína! Então *eu faço pra ele*, porque eu não gosto. Então eu faço pra ele alguma coisa com aquela proteína, ou é uma almôndega, ou um guisado, ou nhoque, alguma coisa. Então, tem dias que a comida pra ele é diferente. E mudou, claro, assim, a questão. Nada que tenha carne vermelha ele não come; até na nossa alimentação, se tu pede, final de semana, uma pizza por exemplo, então a gente tem que ter esses cuidados, pra não vir presunto, que ele não come. Se tu faz um cachorro quente, tem que ser a salsicha de frango, *vou ao mercado e eu cuido pra comprar a salsicha de frango*. Então, todo esse tipo de rotina, essa coisa aí mudou a base, já que Daniel não come carne vermelha.

Embora Marilene faça parecer pequenas as alterações na rotina culinária, se prestarmos atenção aos verbos por ela utilizados – “*coloco um frango*”; “*eu faço para ele uma almôndega, ou um guisado, ou nhoque*,

[com proteína de soja]”; “*vou* no mercado e *cuido* para comprar salsicha de frango” –, podemos perceber que várias ações se somaram ao seu já ocupado dia a dia. Além do preparo do alimento do filho, Marilene também cuida da alimentação das ratas – ovos e brócolis –, que deixa separada em potes para que o filho ou o marido as alimentem.

A própria casa precisou sofrer também uma série de desorganizações e reorganizações dos espaços e dos tempos domésticos, como pode ser visto no relato a seguir:

Então, todo esse tipo de rotina, essa coisa aí mudou. E também mudou a casa, porque nós tínhamos os espaços com as coisas, né, embora a casa seja grande, a gente tinha os espaços, tudo bem tranquilo. [...] Então, *eu tive que organizar* o quarto de hóspede pra ele, e veio mais a mudança dele. Então, mexeu bastante porque, *eu tive que colocar* coisas que estavam lá guardadinhas, *eu tive que colocar* no meu maleiro. [...] Então, assim, isso mexeu um pouco, né? De vez em quando, *eu tô perdida*, como o Pedro diz: “*mas como tu não sabe as coisas da tua casa?*”, mas não, nessa função da mudança, de vir essas duas pessoas pra casa, mudou um pouco, né?¹⁶

Vale a pena destacar, nesse depoimento, o quanto a pergunta do marido é reveladora das diferenças de gênero que se sobressaem naquilo que parece afetar a todos da casa. No entanto, como já demonstrado no comentário anterior sobre a rotina alimentar, as ações (também destacadas em *itálico*) são executadas por Marilene, que, apesar de reorganizar as coisas “que estavam lá guardadinhas”, ainda assim, fica “perdida” na casa, cuja responsabilidade é explicitamente atribuída a ela pelo marido. Não passa despercebido às pesquisadoras que a fala de Pedro não vem na forma de reconhecimento do trabalho de reorganização realizado por ela, mas na forma de uma reclamação de um cliente a uma gerente que não cumpriu devidamente com a sua responsabilidade.

Não queremos, com isso, dar a entender que Pedro não assume responsabilidades domésticas. Em todas as entrevistas, há inúmeras referências à sua participação nas tarefas de limpeza, higienização da casa e manutenção da casa. Por exemplo, é ele quem limpa os pneus do carro, que fica na garagem parcialmente integrada à casa (referido na

¹⁶ Grifos nossos em *itálico*.

entrevista de Marilene); é ele que sobe no telhado, enquanto Daniel segura a escada, para consertar algum dano (mencionado por Daniel); é ele quem limpa, dia sim, dia não, a gaiola das ratas (na entrevista de Marilene e de Pedro); além de ajudar na limpeza da casa. Como conta Marilene, “ele é muito parceiro pra me ajudar”. Mas a própria ideia de “ajuda” é também significativa do protagonismo feminino presente na infraestrutura de cuidado que se criou nessa unidade doméstica, o que pode ser relacionado com reflexões feministas mais amplas que chamam atenção para a generificação do trabalho do cuidado não remunerado, realizado no âmbito privado, desconsiderado no sistema produtivo capitalista.¹⁷

A ideia de infraestrutura que assumimos aqui tem como referência o trabalho de Susan Star,¹⁸ que destaca o caráter relacional das infraestruturas, as quais passam a existir a partir dos diferentes modos como nos relacionamos com elas. A autora realiza pesquisas em contextos bastante diferentes do doméstico. Mesmo assim, estudos antropológicos, entre eles o de Danholt e Langstrup,¹⁹ Langstrup²⁰ e de Fietz,²¹ têm sugerido a pertinência do quadro referencial da infraestrutura para o estudo do cuidado. Danholt e Langstrup conceituam as infraestruturas de cuidado como “as rotas mais ou menos justapostas nas quais o cuidado pode ‘andar’ conformando e sendo conformado por atores e cenários”.²² Essa definição põe acento tanto

¹⁷ DINIZ, Débora. *O que é Deficiência?* São Paulo: Brasiliense, 2012; HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araújo (Orgs). *Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Atlas, 2012; HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais, *Tempo Social*, v. 26, n. 1, 2014, pp. 61-73; THELEN, Tatjana. Care as social organization. Creating, maintaining and dissolving significant relations, *Anthropological Theory*, v. 15, n. 4, pp. 491-515, 2015.

¹⁸ STAR, Susan. The Ethnography of Infrastructure, *American Behavioral Scientist*, v. 43, n. 3, November-December, pp. 377-391, 1999.

¹⁹ DANHOLT, Peter; LANGSTRUP, Henriette. Medication as Infrastructure: decentering self-care, *Culture Unbound*, v. 4, pp. 513-532, 2012.

²⁰ LANGSTRUP, Henriette. Chronic care infrastructure and the home, *Sociology of Health & Illness*, v. 35, n. 7, pp. 1008-1022, 2013.

²¹ FIETZ, Helena de Moura. *Construindo futuros, provocando o presente. Cuidado familiar, moradias assistidas e temporalidades na gestão cotidiana da deficiência intelectual no Brasil*. Tese de doutorado. PPGAS/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

²² DANHOLT, Peter; LANGSTRUP, Henriette. *Op. cit.*, p. 215.

no caráter relacional das infraestruturas, quanto no seu caráter processual que, tal como também trazido pelos referenciais de Gupta,²³ manifestam o quanto as infraestruturas não são objetos estáticos, mas processos que requerem trabalho constante, como no fazer e refazer as casas de Marilene e Pedro e da mãe de Marilene.

Dentre as propriedades das infraestruturas que se pode identificar no âmbito doméstico, encontra-se a sua condição embutida, ou seja, a infraestrutura existe penetrada em outras estruturas, arranjos sociais e tecnologias, de tal maneira que suas partes coordenadas não são perceptíveis separadamente. Percebe-se isso no caso da família em foco deste estudo, ao observar-se que o cuidado que Marilene dispensa à sua mãe e ao preparo da alimentação das ratas do filho, por ela realizado, não são percebidos como componentes coordenados da infraestrutura doméstica. Eles existem mergulhados do arranjo social, no qual ela desempenha o papel de gênero específico de mãe.

Uma outra propriedade das infraestruturas, segundo Star, é a sua transparência, ou seja, a sua presença é invisível na sustentação de tarefas específicas.²⁴ No nosso estudo, isso fica evidente na maneira como a mãe e o filho de Marilene foram acolhidos na unidade doméstica. Não foi necessário reinventar ou montar a casa e as relações que a sustentam para a particularidade do evento porque o casal e sua casa conformavam uma infraestrutura invisível que acomodou o evento extraordinário na ordinariedade das tarefas e dinâmicas cotidianas. Além disso, as infraestruturas são naturalizadas por aqueles que delas participam; são abrangentes espacial e temporalmente; são atreladas às convenções; são construídas sobre uma base já instalada, herdando, assim, seus pontos fortes e suas limitações; e tornam-se visíveis somente quando falham.

É pelo fato de as infraestruturas portarem essas propriedades – de serem incrustadas, transparentes, naturalizadas, abrangentes, reproduzirem relações convencionais e só se tornarem visíveis quando falham – que a

²³ GUPTA, Akhil. The future of ruins: thoughts on the temporality of infrastructure. In: ANAND, Nikhil; GUPTA, Akhil; APPEL, Hannah (Eds). *The Promise of Infrastructure*. Durham and London: Duke University Press, pp. 62-79, 2018.

²⁴ STAR, Susan. The Ethnography of Infrastructure, *American Behavioral Scientist*, v. 43, n. 3, November-December, pp. 377-391, 1999.

tarefa de as analisar encerra um grande desafio. Mas é uma tarefa essencial, a única compatível com a proposta de Das que assumimos, a de desvendar o trabalho miúdo de se fazer o cotidiano. É através de sua análise que se entende a percepção dos colaboradores desta pesquisa de que “não mudou quase nada”. No entanto, o “extraordinário” da pandemia é um tempo/espço que coexiste na ordinariedade da infraestrutura, das interrelações que a sustentam e das formas de vida que a povoam. Inter-relações essas que, como discutiremos a seguir, não se apoiam em uma ética de manuais ou de princípios morais abstratos, mesmo porque, como refere Sandra Laugier, “esses contextos da vida ordinária e extraordinária são governados por relações que sequer se tornam visíveis através dos conceitos ortodoxos (justiça, imparcialidade, catálogo de deveres, escolha racional etc.)”.²⁵ São experiências de cuidado cotidiano orientadas por uma *ética ordinária*, no espaço em que as vidas se engajam.

A vida vivida com outras pessoas: relações de cuidado e ética ordinária

Através das narrativas de Marilene, Pedro e Daniel foi possível visualizar e compreender uma série de relações que sustentam a infraestrutura de cuidado nesse tempo “extraordinário”. Nesta seção, gostaríamos de focar em duas relações: a de Marilene com a escola onde trabalha, com os alunos e suas famílias, em que se evidencia a relação da ética ordinária com o cuidado; e a de Daniel e sua avó, em que se verifica a tensão entre cuidado-controle.

Marilene, a escola e as crianças: ensino a distância, afeto e voz

Marilene é professora do ensino fundamental há 37 anos. Conta que é aposentada, mas que continua trabalhando em regime de 20 horas semanais porque o trabalho na escola lhe traz grande satisfação. Gosta muito das crianças, que correm para abraçá-la desde que a avistam do outro

²⁵ LAUGIER, Sandra. The Ethics of Care as a Politics of the Ordinary, *New Literary History*, v. 46, pp. 217-240, 2016, p. 222.

lado da rua. Descreve o ambiente da escola como prazeroso e divertido, destacando o convívio com as colegas de trabalho, as comemorações dos aniversários e as diversas festividades que promovem ao longo do ano. Ela conta que estas são as atividades que mais lhe fazem falta, desde que as aulas passaram a ser a distância devido à pandemia. Recuperamos a sua própria narrativa sobre como tem sido o trabalho desde então:

Eu trabalho com ensino fundamental, com crianças de terceiro ano e, aí, trabalho só 20 horas agora. Antes eu trabalhava 40. Mas, com a pandemia, eu tô trabalhando 40, porque o trabalho dobrou, né?! Então, assim, o atendimento com as crianças, tudo *on-line*, então fica muito, assim ó, tu tem que tá o tempo inteiro atendendo eles, embora a gente mande atividade. Eu, geralmente, eu mando atividade pra eles pela manhã, porque tem pais que trabalham à tarde, então, gosto de fazer atividade com a criança, auxiliar de manhã. E, e tem outros que preferem fazer à tarde. Então, por volta de oito, oito e meia, já tô mandando atividade, já tô no computador, aí alguns já me retornam, lá por nove, nove e pouco, e outros acabam deixando pra tarde. Então, quer dizer, eu, eu me envolvo o dia inteiro, né?! Porque eu trabalhava só de tarde, da uma hora até às cinco. Agora, então, trabalho de manhã das oito – e fora assim, ó, muita *live*, muita conferência, né, que a gente tem que assistir, que é cobrado, né?! Até porque, também, pra gente aprender, né, tem que tá se atualizando. Então fica assim, eu fico o tempo inteiro no computador e depois, não tem horário, né, porque, como são crianças pequenas, muitas vezes, eles até te ligam ou querem entrar em contato contigo, mas é pra ouvir a tua voz. Percebe que, assim, é uma carência muito grande. E outra, tem pais que trabalham também e, como a gente quer, assim, não quer perder o aluno né, a gente, às vezes, atende pais às dez horas da noite. Tu tá atendendo pai, que tá com uma dúvida, chegou do trabalho, que não pôde, né, durante o dia, que vai conferir a atividade com a criança, se a criança ficou com alguma dúvida, não quis perguntar, o pai também. Então, às vezes é dez horas da noite e tô no computador ainda, atendendo e fazendo correção, é bem puxado, a coisa tá bem puxada. Mas tá... E as crianças também, assim, eu, semanalmente, eu faço encontro virtual com eles, né?! E tem alguns que os pais trabalham... às vezes, tem só um celular, e os pais precisam levar o celular, então a criança não tem acesso, tu fica com pena... Então, o que eu faço? Às vezes, eu faço encontro virtual, com duas crianças, e faço com um grupo de tarde e aí, às vezes, faço com duas crianças lá pelas oito da noite, pra trabalhar aquilo que eu trabalhei, né, porque eu não vou deixar eles fora, né? Então, a hora que o pai chegou com o celular,

pra poder, né, entrar em contato. Então, assim, a coisa tá puxada, mas tá bom, tá tranquilo.

Através do relato de um dia de trabalho, fica evidente o motivo de Marilene considerar que “a coisa tá puxada”, tendo em vista que, da manhã à noite, ela se ocupa não apenas da dimensão formal do ensino de passar tarefas para as crianças e de se manter atualizada, que são exigências da escola. Ela também se preocupa em acomodar as diferentes dinâmicas, condições e necessidades dos alunos e suas famílias. Chama atenção particularmente a passagem que conta sobre os alunos “porque como são crianças pequenas, muitas vezes eles até te ligam ou querem entrar em contato contigo, mas é pra ouvir a tua voz. Percebe que, assim, é uma carência muito grande”. A narrativa revela uma ética que não se resume a uma avaliação sobre o bom e o bem apartadas das práticas ordinárias, e, sim, uma *ética ordinária* impossível de ser capturada em um manual por ser como um “espírito que inunda a vida cotidiana”.²⁶

As expressões e frases de Marilene que destacamos são especialmente reveladoras de uma ética que anda de braços dados com o trabalho do cuidado, o qual requer, como sugere Laugier, uma reorientação em direção à vulnerabilidade, uma mudança do “justo” para o “importante”.²⁷ A vulnerabilidade aqui é concebida enquanto um traço comum da *forma de vida* humana, a qual precisa estar envolvida em relações de cuidado para sobreviver. Assim, não há nada mais ordinário do que a vulnerabilidade ou, como sugere Laugier, é a vulnerabilidade que define o ordinário. Nesse sentido, o cuidado seria concebido como a proteção da *forma de vida*, especialmente em contextos de destruição do cotidiano.²⁸

As crianças, uma *forma de vida* performada como “vulnerável” e “dependente”, são uma vida valorizada que “não deve ser deixada de fora”, sendo ativamente preservada *através* e *em* de relações de cuidado. Em ações orientadas por uma *ética ordinária*, a professora Marilene sente

²⁶ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary (Thinking from Elsewhere)*. New York: Fordham University Press, 2020b, p. 57.

²⁷ LAUGIER, Sandra. The Ethics of Care as a Politics of the Ordinary, *New Literary History*, v. 46, pp. 217-240, 2016, p. 208.

²⁸ *Ibidem*, p. 208.

“pena” e faz todos os esforços para “não deixar ninguém de fora”. Pareceu-nos particularmente relevante a passagem em que ela comenta que seus alunos, muitas vezes, telefonam para “ouvir a voz” da professora. Mas nos ocorre que poderia ser exatamente o inverso, ou seja, que as crianças ligam para terem suas vozes ouvidas. Não foi possível ainda, para nós, perceber a pandemia “com os olhos de uma criança”,²⁹ mas a pergunta sobre o que o acontecimento fez à sua subjetividade permanece para futuras considerações.

Daniel e sua avó: tensão entre voz e silenciamento

Como já referido anteriormente, desde o início da pandemia, Daniel apresentou grande preocupação com sua avó. Foi ele quem alertou os pais sobre os cuidados que precisavam ser tomados com o “idoso” que, “se pegar, morreu” e acredita que isso motivou a transferência da avó para a casa dos pais. Em diferentes momentos da entrevista, ele demonstrou sua indignação com o que considera ser a “teimosia” da avó, que vê refletida não apenas no comportamento ante a pandemia, mas também na resistência que apresenta em relação aos remédios e ao “se cuidar”. Marilene, em certo momento da sua entrevista, repetiu uma interpretação de Daniel sobre o porquê da resistência da “vó”:

Tu explica, a gente explicava, explicava pra mãe, mas não sei... Talvez por ela tá na idade senil, (inaudível) parece, assim, que a mãe não entende. Meu filho mexe: se fosse uma manada de elefante que viesse vindo, a vó ia enxergar, ia ver que era perigoso; agora, como é o vírus, que é uma coisa que ela não enxerga, a vó não entende. Então a gente sempre colocava isso pra ela.

Daniel, reproduzindo diálogos travados com a família, explicou que tentava usar a razão para explicar para a avó:

²⁹ DAS, Veena. O ato de testemunhar - violência, gênero e subjetividade, *Cadernos Pagu*, v. 37, julho-dezembro, pp. 9-41, 2011. *Idem*, What does ordinary ethics look like? In: LAMBEK, Michael; DAS, Veena; FASSIN, Didier; KEANE, Webb. *Four Lectures on Ethics (Masterclass)*, HAU. Kindle Edition, 2015b.

e ela dizia “não, mas pra mim, blá blá blá”, e a mãe dizia “não adianta discutir”. Sabe quando tu quer o bem da pessoa, mas ela já tem as ideias formadas? Mas nunca teve conflito real, de ficar chateado, no fim a gente leva até na brincadeira...

Mesmo sem um “conflito real”, ele menciona que, apesar de compreender o fato de a avó querer voltar para o seu próprio apartamento depois de quase cinco meses na casa da filha, foi contra, quando os pais dele finalmente cederam ao apelo da avó. Na sua percepção, a avó “faz o jogo psicológico” porque havia sido “muito paparicada pelo meu avô, meio dondoca, não na questão de posses, mas de ser mimada pelo meu avô e por todo mundo da família. E agora que ela está só, sem o vô, então ela sente falta e faz alguma coisa pra chamar a atenção...”. Nas conversas com Marilene, para quem, segundo ele, ter preocupação e estar cuidando “é da sua natureza”, ele aconselha: “às vezes, tem que dar a real pra a avó, tem que tirar o bico e deixar o nenê chorar um pouco até se acalmar”.

Analisando as entrevistas em conjunto, chama atenção o quanto as vozes de alguns membros da família compõem as falas dos outros. Inclusive a voz da avó se faz presente através de diálogos repetidos em todas as entrevistas. Mas a sua voz aparece normalmente acompanhada de expressões que atestam a sua senilidade. A avó, assim, é retratada, em geral, como alguém com capacidade limitada de compreensão e como uma criança que usa de estratégias emocionais para fazer a sua vontade prevalecer. Não é possível afirmar que essa percepção negativa já estivesse colocada sobre ela anteriormente, mas é possível deduzir que o contexto da pandemia impactou a percepção sobre a velhice, ao jogar um tipo de luz específica sobre as pessoas mais velhas. Como será discutido no próximo segmento, os *jogos de linguagem* públicos constituídos no contexto da pandemia conformaram “o idoso” como uma *forma de vida* com as características infantis e com capacidade intelectual diminuída, que precisa ser conduzido ao caminho certo e/ou controlado.³⁰

³⁰ SCHUCH, Patrice; VÍCTORA, Ceres; SIQUEIRA, Monalisa Dias de. Cuidado e controle na gestão da velhice em tempos de Covid 19. In: MATTA, G. C. et al. (eds.). *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [on-line]*. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19/Fiocruz, pp. 149-157, 2021.

Diante disso, um caminho interpretativo que poderia ser seguido aqui seria o de comparar as *formas de vida* de “criança” e de “idoso” que, mesmo supostamente apresentando traços semelhantes – capacidade limitada de compreensão, “carências”, “teimosia” –, recebem tratamentos diferentes. As crianças, na história de Marilene, padecem de uma “carência muito grande”, digna de “pena”, que as autoriza a ligar a qualquer hora para ouvir a voz da professora ou serem ouvidas por ela. A “idosa”, no caso de Daniel, é retratada como alguém que faz “jogo psicológico” e, mesmo que a sua voz seja reproduzida nas narrativas da família, existe uma tentativa permanente de silenciá-la, seja na configuração da sua senilidade – o que se explicitou em toda as tensões geradas pelo retorno para seu apartamento –, seja no fato da não autorização da sua entrevista para a pesquisa. Em uma forma, a *ética ordinária* se apresenta; na outra, ela se ausenta.

Mas isso seria resumir a noção de *ética ordinária* a uma “ética de ações que pode ser isolada e julgada”, além de não perceber que o próprio cuidado é um processo aberto, não estabilizado, composto por interações e intervenções contínuas e complexas,³¹ dado que são marcadas por dinâmicas de poder, elas próprias também plásticas.³² Seria também tentar encerrar uma história que ainda está em andamento, apenas para que seja concluída nos parâmetros de um artigo. Optamos, então, por seguir um outro caminho e compreender das ações do Daniel a partir da proposta de Das de não encapsular as histórias e pensar as relações a partir de uma ética de viver a vida com outras pessoas (*ethics of being together*).³³ Em uma passagem particularmente inspiradora de Das, a autora elabora em torno da percepção de Michael D. Jackson sobre a vida vivida com outras pessoas:

Uma vida com o outro, como nota Michael D. Jackson (1998), consiste em uma miríade de pequenos momentos de felicidade compartilhada e

³¹ MOL, Annemarie. *The logic of care: health and the problem of patient choice*. New York: Routledge, 2008.

³² BIEHL, João; LOCKE, Peter. Introduction. *Ethnographic Sensorium*. In: BIEHL, João; LOCKE, Peter. *Unfinished. The Anthropology of Becoming*. Duke University Press, 2017, pp. 1-38.

³³ DAS, Veena. O ato de testemunhar - violência, gênero e subjetividade, *Cadernos Pagu*, v. 37, julho-dezembro, pp. 9-41, 2011. *Idem*, What does ordinary ethics look like? In: LAMBEK, Michael; DAS, Veena; FASSIN, Didier; KEANE, Webb. *Four Lectures on Ethics (Masterclass)*, HAU. Kindle Edition, 2015b.

tristeza solidária, de afeto e desafeição, de aproximação e afastamento, de modo que o que emerge está longe de ser uma síntese à qual se pode atribuir um nome ou definir como algo que se pode conhecer. Não há uma única chave que abra o segredo do que significa habitar uma vida juntos em termos de hábitos, rotinas, repetições e suas tendências ocultas que são continuamente abordadas e contidas por meio de trabalhos como o de pequenos reparos – a maneira como as mulheres cirzem lágrimas em vestuários com a delicada colocação de um fio sobre o outro.³⁴

Queremos imaginar, a partir disso, que os pequenos atos de Daniel de alertar os pais quanto aos riscos “do idoso” que, “se pegar, morreu”, de ficar no quarto de hóspedes para não desalojar sua avó e de não ir se exercitar na academia enquanto morava na mesma casa que a avó, ao mesmo tempo em tenta, inúmeras vezes, explicar para a avó que “parece que não entende”, é, antes do que uma ação deliberada de desqualificar a “idosa”, a mais simples expressão de “viver a vida com o outro” – como “uma miríade de pequenos momentos de felicidade compartilhada e tristeza solidária, de afeto e desafeição, de aproximação e afastamento”, à qual não se pode atribuir um nome ou definir como algo que se pode conhecer.

Tentar compreender essas dinâmicas de “viver a vida com o outro” é também atentar para uma história não estabilizada, uma história de transformações que não é passível de grandes totalizações ou polarizações – por exemplo, entre cuidado e controle –, mantendo o privilégio das tensões inevitáveis envolvidas nas pequenas decisões éticas ordinárias que vão se justapondo em temporalidades abertas das cartografias situadas, habitadas pelas pessoas nas suas relações de interdependência vividas em mundos também transformáveis.

Idosos e Velhos: jogos de linguagem na pandemia

Não encerrar em binarismos fixos histórias complexas é, também, trabalhar a partir das tensões que habitam as relações entre ordinário e extraordinário. Em nossa pesquisa, uma dessas tensões concentrou-se justamente na configuração dos “idosos” como “grupo de risco” preferencial

³⁴ DAS, Veena. Ethics, self-knowledge, and life taken as a whole, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 8, n. 3, pp. 537-549, 2018, p. 541.

para o contágio e as dinâmicas complexas e simultâneas de cuidado e controle resultantes dessa configuração. Essa percepção do risco chegou até nós, inicialmente, de uma forma etnográfica a partir da narrativa de Daniel, ao acentuar a maior suscetibilidade à morte das pessoas idosas e justificar a importância de a família tomar medidas preventivas em relação à sua avó, que morava sozinha anteriormente à pandemia.

De outro lado, a ênfase nos idosos esteve muito fortemente presente através de vários jogos de linguagem públicos, explícitos em entrevistas com especialistas das áreas biomédicas que debatiam números de atingidos e explanavam sobre a maior vulnerabilidade da população de idosos à covid-19, mas também se apresentou em uma proliferação de memes que povoaram as redes sociais e associavam os “idosos” a imagens infantis e infantilizadoras, com destaque para sua “teimosia” e incapacidade de tomar decisões sobre sua vida e saúde, tais como, “Atenção passando pelo seu bairro de dia, de tarde e de noite. Cata Veio. Se encontrar algum veio teimoso nas ruas, buscaremos na hora”; “Atenção, ‘crianças’ acima de 60 anos. Tem um carro preto no bairro pegando idosos para fazer sabão! Não saiam de casa”; “Vendo gaiola para idoso teimoso: parcelo em 10 vezes”; “Se encontrarem minha mãe na rua, me avisem. Quero buscá-la de chinelo na mão. Chegou a minha vez!”.

Em nosso entender, as imagens populares do “velho do saco” e da “carrocinha de cachorros” utilizadas para abduzir “idosos” que perambulam na rua trabalham a construção de uma *forma de vida* (o “veio”) dependente, que requer o mesmo tipo de controle de animais ou crianças, supostamente sem consciência ou controle de seus atos. Essa falta de controle justificaria a violência expressa pela imagem das gaiolas de contenção e do chinelo utilizado para punição de supostas desobediências. Tais memes jocosos, piadas e vídeos não são, como alguns defendem, formas de enfrentar com humor, de “rir para não chorar” das dificuldades impostas pela pandemia. Ao contrário, elas compõem uma política de constrangimento moral que trabalha em conjunto com políticas restritivas de regulação da conduta voltadas especificamente para a população idosa.³⁵

³⁵ SCHUCH, Patrice; VÍCTORA, Ceres; SIQUEIRA, Monalisa Dias de. Cuidado e controle na gestão da velhice em tempos de Covid 19. In: MATTA, G.C. et al. (eds.). *Os impactos*

É importante esclarecer que não estamos afirmando que existe um consenso generalizado em torno desse conceito, ou objeto, “idoso” na performance do “veio”. Nosso propósito aqui é mostrar como as próprias disputas e tensões que surgem em torno do termo contribuem para a conformação de uma *forma de vida* entrelaçada em *jogos de linguagem*, por assim dizer, pandêmicos. Aqui, parece relevante recuperar dois aspectos do pensamento de Cavell destacados por Das, sobre os quais nos referiremos brevemente, dada a sua relevância para o caso etnográfico discutido neste artigo. O primeiro é que há duas dimensões das *formas de vida*, uma horizontal (ou etnológica) e outra vertical (ou biológica). O segundo é que *formas de vida* carregam em si mesmas *formas de morte*.³⁶

No que se refere às duas dimensões, Cavell sugere que, no sentido horizontal – com ênfase na *forma* –, apreende-se a noção de diversidade humana, ou seja, as *formas de vida* podem variar em diferentes sociedades (como exemplo, ele refere instituições como casamento e herança, que são *formas de vida* socialmente variáveis). Na dimensão vertical – com ênfase em *vida* –, encontram-se distinções em linguagem entre formas de vida “superiores” e “inferiores” (seus exemplos são o de picar a comida com um garfo ou pegar com as garras ou bicadas). Ou seja, é na forma vertical das formas de vida que se “marca o limite do que é considerado humano em uma sociedade e fornece as condições de uso de critérios aplicados a outros”.³⁷

Mesmo correndo o risco de esgarçar o sentido dado por Cavell às duas dimensões, pareceu-nos frutífero refletir sobre a construção dos “idosos” como uma *forma de vida* no contexto da pandemia nesses dois sentidos. No sentido horizontal, com destaque na *forma*, seu significado e importância têm se mostrado variáveis e disputados em tempos e espaços diferentes. “Idosos” podem ser respeitados como sábios ou como guardiões da memória de um povo; ou podem ser incorporados como essencialmente vulneráveis e frágeis merecedores de cuidado; entre outras

sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [on-line]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19/Fiocruz, pp. 149-157, 2021.

³⁶ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary (Thinking from Elsewhere)*. New York: Fordham University Press, 2020b.

³⁷ *Ibidem*, p. 894.

formas. Já na dimensão vertical, que hierarquiza as *vidas* das *formas de vida*, percebem-se duas linguagens em disputa: uma da autonomia e da independência construída, por exemplo, na política do envelhecimento ativo, na qual se situam as vidas “superiores”³⁸. É esta que fornece os critérios que serão aplicados a outras *formas de vida* “inferiores”, como aquela que pertence aos “veios” nos *jogos de linguagem* pandêmicos. Os “veios” são *formas de vida* dependentes, com características infantis e “teimosos”, destituídos de racionalidade e, portanto, semelhantes a animais que devem ser mantidos em “gaiolas” ou levados pela “carrocinha”.

Diante disso, é extremamente pertinente o segundo aspecto levantado por Cavell e Das, de que as *formas de vida* contêm em si as *formas de morte* que se produzem no próprio cotidiano. Mas, exatamente porque *formas de vida* e *formas de morte* encontram-se engolfadas uma na outra, é que se deve atentar para as disputas e as tensões entre os consensos sobre as *formas de vida* que são muito mais instáveis e complicados do que, à primeira, vista podem parecer.

Considerações Finais

Neste artigo, estamos entendendo que a pandemia causada pelo novo coronavírus constitui-se como um tempo – extraordinário – no qual a vida – ordinária – é nutrida através do trabalho e de relações que se

³⁸ No âmbito internacional, em consonância com as ações de promoção de saúde e ao envelhecimento da população mundial, a Organização Mundial da Saúde (OMS) elaborou, em 2005, o documento intitulado *ENVELHECIMENTO ativo: uma política de saúde*. Tradução Suzana Gontijo. USA/ Brasília: World Health Organization/ Organização PanAmericana da Saúde, 2005 [2002]. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/pessoa-idosa/envelhecimento-ativo-uma-politica-de-saude/view>>. A proposta de envelhecimento ativo propõe ampliar o conceito de “envelhecimento saudável” já desenvolvido pela OMS e baseia-se no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas velhas e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e auto-realização determinados pela Organização das Nações Unidas. O “envelhecimento ativo” defende a responsabilidade dos mais velhos de manterem-se ativos e saudáveis pelo maior tempo possível, bem como de participarem da vida em comunidade, comprometendo-se com a garantia de seus direitos e assumindo o papel de protagonistas no exercício da cidadania.

conformam como práticas de cuidado que sustentam a vida. Essas práticas de cuidado, por se encontrarem na ordinariedade do doméstico, são, tal qual este, invisíveis e, na maioria das vezes, passam despercebidas. Como destaca Sandra Laugier: para se compreender a importância do cuidado, é necessário, antes de tudo, reconhecer a vulnerabilidade das formas de vida.³⁹ Com isso em vista, tornou-se possível adensar a questão de pesquisa e perguntar não somente sobre as alterações provocadas pela pandemia, mas também observar o quanto e de que maneiras a pandemia descortinou, como pontua Das, “a fragilidade, a vulnerabilidade da vida, as alegrias e as dores contidas na vida cotidiana, e como os atos cotidianos revelam os contornos das nossas vidas éticas”.⁴⁰

A partir da análise das narrativas de uma família de pessoas brancas, de camadas médias, moradoras do Sul do Brasil, em torno do cotidiano de suas relações familiares em tempos de pandemia da covid-19, vimos como a pandemia tornou possível a convivência de três gerações diferentes, o que produziu a reorganização de um cotidiano da “vida vivida com os outros” entre Marilene, Pedro, Daniel, sua avó e as trabalhadoras domésticas, envolvendo também relações de vizinhança e arranjos e rearranjos temporários e contingentes das casas como infraestruturas de cuidado. Na imbricação de tais relações, percebemos processos de interdependências familiares e relações de vizinhança que são formas de suporte nas quais os sujeitos desenvolveram e negociaram as suas capacidades para continuar, reparar e viver o mundo da melhor forma possível.

Considerando o cuidado como uma atividade prática sensível aos detalhes da vida diária, salientamos a pertinência da noção de *ética ordinária*, desenvolvida por Veena Das, a qual não está baseada em princípios ou valores morais universais, mas parte das experiências e dos problemas reais das pessoas no seu cotidiano. Levando em conta tais dimensões na compreensão das dinâmicas presentes nas narrativas familiares, percebemos o trabalho invisível e invisibilizado de manutenção

³⁹ LAUGIER, Sandra. The Ethics of Care as a Politics of the Ordinary, *New Literary History*, v. 46, pp. 217-240, 2016, p. 208.

⁴⁰ DAS, Veena. Ethics, self-knowledge, and life taken as a whole, *Journal of Ethnographic Theory*, v. 8, n. 3, pp. 537-549, 2018, p. 541.

da vida ordinária e como o foco da convivência de três gerações na mesma casa, uma das estratégias momentâneas utilizadas pela família no cenário da urgência sanitária provocado pela pandemia do novo coronavírus, revelava os entrelaçamentos entre o ordinário e o extraordinário. De outro lado, tais relações tornaram visíveis aspectos mais amplos em torno de diferenciações de gênero, idade, raça e classe que recortavam as relações de cuidado, ao mesmo tempo em que também possibilitaram compreender como tais relações desenvolvidas no âmbito doméstico são ativos dispositivos nas quais as *formas de vidas* são constituídas. Inspiradas pelos argumentos de Veena Das, argumentamos pela fundamental conexão entre a *ética ordinária* com a de *formas de vida*, ressaltando como o espaço doméstico não é apenas uma estrutura fundamental de cuidado no cenário brasileiro de vulnerabilidade social e política, mas também é um ativo elemento em que *formas de vida* ganham forma e ganham vida.

Referências Bibliográficas

AYDOS, Valéria; FIETZ, Helena. When citizenship demands care: the inclusion of people with autism in the Brazilian labour market, *Disability Studies Quarterly*, v. 37, n.4, 2017.

BIEHL, João; LOCKE, Peter. Introduction. Ethnographic Sensorium. In: BIEHL, João; LOCKE, Peter. *Unfinished. The Anthropology of Becoming*. Duke University Press, pp. 1-38, 2017.

CAVELL, Stanley. *The Claim of the Reason Wittgenstein, skepticism, morality, and tragedy*. Oxford: Oxford University Press, 1999 [1979].

DANHOLT, Peter; LANGSTRUP, Henriette. Medication as Infrastructure: decentering self-care, *Culture Unbound*, v. 4, pp. 513-532, 2012.

DAS, Veena. *Affliction – Health, Disease, Poverty*. New York: Fordham University Press, 2015a.

DAS, Veena. *Critical events: an anthropological perspective on contemporary India*. New Delhi/Oxford: Oxford University Press, 1997.

DAS, Veena. Facing Covid-10: my land of neither hope nor despair. American Ethnological Society, 1 [S.l.], 2020a.

DAS, Veena. *Life and Words – violence and the descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2007.

DAS, Veena. O ato de testemunhar - violência, gênero e subjetividade, *Cadernos Pagu*, v. 37, julho-dezembro, pp. 9-41, 2011.

DAS, Veena. *Textures of the Ordinary (Thinking from Elsewhere)*. New York: Fordham University Press, 2020b.

DAS, Veena. What does ordinary ethics look like? In: LAMBEK, Michael; DAS, Veena; FASSIN, Didier; KEANE, Webb. *Four Lectures on Ethics (Masterclass)*. HAU. Kindle Edition, 2015b.

DIFRUSCIA, Kim Turcot. Listening to Voices. An Interview with Veena Das. In: DAS, Veena. *Altérités*, v. 7, n. 1, pp. 136-145, 2010.

DINIZ, Débora. *O que é Deficiência?* São Paulo, Brasiliense, 2012.

ENVELHECIMENTO ativo: uma política de saúde. Tradução Suzana Gontijo. USA/ Brasília: World Health Organization/ Organização Pan-Americana da Saúde, 2005 [2002]. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/pessoa-idosa/envelhecimento-ativo-uma-politica-de-saude/view>>

FIETZ, Helena de Moura. *Construindo futuros, provocando o presente. Cuidado familiar, moradias assistidas e temporalidades na gestão cotidiana da deficiência intelectual no Brasil*. Tese de doutorado. PPGAS/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

GUPTA, Akhil. The future of ruins: thoughts on the temporality of infrastructure. In: ANAND, Nikhil; GUPTA, Akhil; APPEL, Hannah (Eds). *The Promise of Infrastructure*. Durham/ London: Duke University Press, 2018, pp. 62-79.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais, *Tempo Social*, v. 26, n. 1, pp. 61-73, 2014.

HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araújo (Orgs). *Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Atlas, 2012.

LANGSTRUP, Henriette. Chronic care infrastructure and the home, *Sociology of Health & Illness*, v. 35, n. 7, pp. 1008-1022, 2013.

LAUGIER, Sandra. The Ethics of Care as a Politics of the Ordinary, *New Literary History*, v. 46, pp. 217-240, 2016.

MOL, Annemarie. The logic of care: health and the problem of patient choice. New York: Routledge, 2008.

SCHUCH, Patrice; VÍCTORA, Ceres; SIQUEIRA, Monalisa Dias de. Cuidado e controle na gestão da velhice em tempos de Covid 19. In: MATTA, G. C. et al. (eds.). *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [on-line]*. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19/Fiocruz, 2021, pp. 149-157.

STAR, Susan. The Ethnography of Infrastructure, *American Behavioral Scientist*, v. 43, n. 3, November-December, pp. 377-391, 1999.

THELEN, Tatjana. Care as social organization. Creating, maintaining and dissolving significant relations, *Anthopological Theory*, v. 15, n. 4, pp. 491-515, 2015.

TRONTO, Joan C. *Who Cares? How to Reshape a Democratic Politics*. Ithaca/ Londres: Cornell University Press, 2015.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical Investigations*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2009 [1953].